

- I - Enredo
- I - Estrutura
- III - Personagens
- IV - Tempo
- V - Espaço
- VI - Fococo Narrativo
- VII – Recursos de Estilo e de Linguagem
- VIII - Ideologia
- VIII - Bibliografia

Clique sobre os tópicos desejados



Elaboração: Professores: Antônio Carlos Pinho e Ronaldo Fazam

Esse material é parte integrante do site www.mundocultural.com.br e pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que todas as informações sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para fazam@mundocultural.com.br

['s]

Equipe Mundo Cultural

I – Enredo

O romance “Eurico, o Presbítero”, conta a triste história de amor entre Hermengarda e Eurico. A história se passa no início do séc. VIII na Espanha Visigótica. Eurico e Teodomiro são amigos e lutam junto com Vitiza (imperador da Espanha) contra os “montanheses rebeldes e contra a francos, seus aliados”. Depois desse bem sucedido combate, Eurico pede ao Duque de Fávila a mão de sua filha, Hermengarda, em casamento. No entanto, Fávila ao saber da intenção de Eurico e, sabendo ainda que esse era um homem de origem humilde, recusa o pedido de Eurico. Certo de que sua amada também o repelia, o jovem entrega-se ao sacerdócio, sendo ordenado como o Presbítero de Cartéia.

A vida de Eurico então resume-se as suas funções religiosas e à composição de poemas e hinos religiosos, tarefas essas que ocupavam sua mente, afastando-se assim das lembranças de Hermengarda.

Essa rotina só é quebrada quando ele descobre que os árabes, liderados por Tarrique, invadem a Península Ibérica. Então Eurico toma para si a responsabilidade de combater o avanço árabe. Inicialmente, alerta seu amigo Teodomiro e, posteriormente, já diante da invasão, o Presbítero de Cartéia transforma-se no enigmático Cavaleiro Negro. Eurico, ou melhor, o Cavaleiro Negro luta de maneira heróica para defender o solo espanhol. Devido a seu ímpeto, ganha a admiração dos Godos e lhes dá força para combater os invasores.

Quando o domínio da batalha parece inclinar-se para os Godos, Sisibuto e Ebas, os filhos do Imperador Vitiza, traem o povo Godo com a intenção assumir o trono. Assim o domínio do combate volta a ser árabe. Logo em seguida Roderico, rei dos Godos, morre no campo de batalha e Teodomiro passa a liderar o povo.

Nesse meio tempo, os árabes atacam o Mosteiro da Virgem Dolosa e raptam Hermengarda. O Cavaleiro Negro e uns poucos guerreiros conseguem salvá-la quando o “amir” estava prestes a profaná-la. Durante a fuga, Hermengarda, foi levada desmaiada às montanhas das Astúrias, onde Pelágio, seu irmão, está refugiado. Nesse momento, essas montanhas são o único e verdadeiro refúgio da independência Goda, uma vez que, depois de uma luta terrível contra os árabes, Teodomiro aceita as vantajosas condições de paz que lhe são propostas: os campos da Bética, que lhe pertenciam, continuariam em seu poder).

Em segurança, na gruta Covadonga, Hermengarda depara-se com Eurico e, enfim, pode declarar seu amor. No entanto, Eurico sabe que esse amor jamais poderá se concretizar, devido as suas convicções religiosas. Então Eurico revela a ela que o Presbítero de Cartéia e o Cavaleiro Negro são a mesma pessoa. Ao saber disso, Hermengarda perde a razão e Eurico, convicto e ciente das suas obrigações religiosas, parte para um combate suicida contra os árabes.

II – Estrutura

A obra analisada é composta por um prólogo, que não é publicado em todas as edições, 19 capítulos e notas feitas pelo autor, que facilitam a compreensão. O romance pode ser estruturado da seguinte maneira:

Prólogo: Parte importantíssima para o entendimento do romance, uma vez que, nele encontra-se a maneira que o autor encara a questão do celibato clerical (uma das idéias desenvolvidas na obra).

“Eu, por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado no celibato à luz do sentimento e sob a influência da impressão singular que desde verdes anos fez em mim a idéia da irremediável solidão da alma a que a igreja condenou os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na terra”... (pag. 11).

“Sabeis qual seja o valor da palavra monge na sua origem remota, na sua forma primitiva E o de – só e triste.” (pag. 13)

Introdução: Apresentação do povo Visigodo e dos personagens principais; surgimento do amor entre Eurico e Hermengarda.

Complicação: Proibição do amor. Fávila não consente a união entre Eurico e sua filha, devido às diferenças sociais.

“...o orgulhoso Fávila não consentira que o menos nobre gardino pusesse tão alto a mira dos seus desejos...”.

Dinâmica: Invasão da Península Ibérica pelos árabes. Eurico apresenta-se ao combate na figura do Cavaleiro Negro. O convento onde Hermengarda está refugiada, é invadido e ela é raptada. Eurico, segue para salvá-la.

Clímax: Eurico revela à Hermengarda que o Cavaleiro Negro e Presbítero de Cartéia são a mesma pessoa.

“Há comum, que o guerreiro e presbítero são um desgraçado só!...(pág 175)

Nesta parte a paixão entre Eurico e Hermengarda reascende e o jovem vive um conflito interior, pois há um novo empecilho para a concretização do amor, o celibato.

Desfecho: Eurico morre propositalmente no campo de batalha e Hermengarda, diante da descoberta, enlouquece.

III – Personagens

Protagonistas

Eurico – personagem redondo é o jovem, corajoso, guerreiro, introspectivo, sensível, sentimental, pessimista e revoltado com as injustiças sociais. O que faz Eurico ser um personagem redondo são suas transformações durante a história. Inicialmente apresenta-se como guerreiro, que sufoca uma rebelião na Cantábria. Posteriormente, ao ser impedido de desposar Hermengarda, entrega-se ao Sacerdócio e, finalmente, transforma-se no Cavaleiro Negro, o qual combate os invasores árabes. Eurico, apesar de ser um gardino (espécie de fidalgo visogodo) fôra impedido de casar-se com Hermengarda, pois o orgulhoso Fávila, pai da donzela, não consentira:

“Fávila não consentiria que o menos nobre gardino pusesse tão alto a mira dos seus desejos.”

Hermengarda – uma personagem como Eurico, redonda. Inicialmente, essa personagem nos parece donzela indefesa, submissa, contida e extremamente frágil tanto física quanto psicologicamente. Ela é totalmente submissa aos padrões sociais da sua época e não teve coragem de enfrentar o pai e lutar por seu amor. No entanto, toda essa fragilidade transforma-se. Ao ser raptada pelos árabes a moça luta com muito brio para escapar das investidas do chefe mouro, o qual pretendia tê-la como esposa.

Antagonistas:

Fávila – Duque de Cantábria, pai de Hermengarda e de Pelágio, era um homem orgulhoso e dominador. Ele é um dos responsáveis pela modificação da ação da história, pois impede a realização do amor entre sua filha e o gardino Eurico.

O povo árabe e os traidores Godos– Os árabes também são considerados antagonistas, pois tornam-se um empecilho para a realização do amor entre Eurico e Hermengarda.

Secundários:

Pelágio – Filho de Fávila. Liderou a resistência Goda.

Roderico – Rei dos Godos. Morre na luta contra os árabes.

Teodomiro -Duque de Corduba e amigo de Eurico. Assume a liderança das tropas Godas depois da morte de Roderico. No entanto, depois de uma luta terrível contra os árabes, aceita as vantajosas condições de paz que lhe são propostas: os campos da Bética, que lhe pertenciam, continuariam em seu poder).

Sisibuto e Ebas – Filhos do Imperador Vitiza. Eles traíram o seu povo, pois almejavam o trono.

Juliano – Conde de Septum. Traidor do povo Godo. É morto por Eurico.

Opas – Bispo de Híspalis. Traidor do povo Godo.

Mugite – guerreiro árabe. Mata Eurico.

Tárique e Abdulaziz – chefes árabes

Atanagildo – guerreiro godo. Defende as monjas durante o ataque árabe ao mosteiro da Virgem Dolorosa.

Cremilda – Abadessa do mosteiro.

Outros...

IV - Tempo

O romance ocorre no início do século VIII. O tempo é cronológico e apresenta um desenvolvimento linear. Sua passagem é marcada por datas, que são encontradas no início de alguns capítulos:

"No templo – Ao romper de alva – Dia de Natal da era de 748"

"Na Ilha Verde, ao pôr do sol das calendas de abril da era de 749"

Com o desenrolar da história a marcação do tempo vai diminuindo até chegar a dia e noite.

"Poucos dias haviam passado depois..." pag 59

"Havia dous dias que nenhum..." pag 62

"Era ao cair do dia" pag 177

"Mas, quando, ao primeiro alvor da manhã..."

V - Espaço

O romance acontece na Península Ibérica. Alexandre Herculano nos situa no espaço por meio de nomes de rios, vales, montanhas etc (o território espanhol, a Cartéia, o Monte Gibraltar, o rio Críssus, as Montanhas das Astúrias) . Além disso, encontramos uma forte relação do homem com a natureza. Isso ocorre quando Eurico isola-se nas montanhas, buscando inspiração para a composição de seus hinos ou poemas e também consolo para suas aflições.

".. chegar às raízes do Calpe, trepar aos princípios, sumir-se entre os rochedos e aparecer, por fim, lá ao longe, imóvel sobre algum píncaro..." pág 31.

"Era um novo hino(...) então o ostiário entendeu o mistério da vida errante do pastor de Carteia..."

Quanto ao espaço, pode-se dizer ainda, que está intimamente ligado à história dos personagens principais. No início do romance o espaço é amplo, aberto. Com o decorrer dos fatos ele vai se fechando, dando-nos a impressão de confinamento:

Eurico se recolhe no presbitério;

Hermengarda busca refúgio no monastério.

Em seguida o espaço se fecha ainda mais. Os dois se encontram na gruta Covadonga, que representa a falta de saída, ou falta de solução para a situação vivida pelos dois. Isso culmina com a única forma de evasão possível: a morte para Eurico e a loucura para Hermengarda.

Com relação ao espaço pode-se dizer ainda que alguns aspectos emocionais são mostrados por meio do espaço. Os espaços fechados representam o conflito dos personagens, a falta de solução ou mesmo a impossibilidade de concretização dos anseios dos amantes. Já os espaços abertos, representam a introspecção dos personagens e, certamente, a procura de uma resolução para o conflito vivido pelos personagens. Assim, fica claro que existe na obra uma oscilação de espaço.

VI - Foco Narrativo

Nesse romance, histórico de caráter histórico, há o predomínio da narrativa em 3ª pessoa.

“...cada qual tecia então sua novela ajudado pelas crenças ajudado pela superstição popular: artes criminosas, trato com o espírito mau, penitência... tudo serviu para explicar o proceder misterioso do presbítero” págs 21 e 22.

Entretanto, não podemos ignorar a narrativa em 1ª pessoa marcadas pelas cenas de meditação e solilóquio de Eurico.

“... Tal era eu quando me assentei sobre as fragas...” (IV capítulo 5ª episódio p-31).

O fato de o narrador parecer saber o que as personagens sentem revela toda a onisciência do narrador.

VII – Recursos de Estilo e de Linguagem

O Livro “Eurico, o Presbítero” é um romance histórico, reflexivo, com predomínio da narrativa e da descrição. Essa obra, é marcada por traços de estilo da primeira geração do Romantismo, que tinha como principal característica a busca das origens nacionais (nacionalismo), historicismo medievalista e valorização do homem(herói) medieval, nesse caso personificado na triste figura de Eurico.

Essa obra, característica da chamada “**Literatura histórica**”, há a fusão entre os fatos históricos, que resgatam o culto ao nacionalismo, e a ficção que molda o herói medieval a partir dos ideais românticos. Outro traço do Romantismo que é encontrado na obra é a caracterização da “mulher-anjo” romântica. “Era bela, mais bela que nos tempos da primeira mocidade! O seu gesto angélico...” pág. 168

Em “Eurico, o Presbítero” temos uma forte presença de figuras de linguagem típicas do romantismo. São elas: comparações, hipérboles, antíteses e metáforas que dão a obra um perfil de poema. Talvez, seja esse o motivo pelo qual nem mesmo o autor consiga definir sua obra. Dizia Herculano: “Já não sei ser crônica – poema, lenda ou o que quer que seja.”

VIII - Ideologia

Dentre as várias idéias desenvolvida no romance, as que mais se destacam são:

Religiosidade / Pátria: Conflito entre cristãos e muçulmanos (fieis x infiéis; evangelho x alcorão). O povo Godo não luta apenas para expulsar os invasores árabes, mas também para expulsar os infiéis. Com relação a esse conflito, existe um fato que não pode passar despercebido: no primeiro capítulo o narrador deixa claro que o povo Godo, como o árabes, também subjugou a Península Ibérica. No entanto, sob a ótica do narrador, os árabes invadiram a Península e Pretendiam impor ao povo conquistado sua cultura e religião, fato esse que não ocorreu quando o povo Godo dominou a Península.

“...a conquistadora ou goda e a romana conquistada, quase desaparecera, e os homens do norte haviam-se confundido juridicamente com os do meio-dia em uma só nação(...) Esta conversão dos vencedores à crença dos subjugados foi o complemento da fusão social dos dous povos...” págs 15/16

Ainda com relação à idéia de **religiosidade e pátria** um leitor menos atento poderia dizer: **“A sacra imagem do presbítero é maculada quando Eurico mata vários árabes durante os combates”**. Ledo engano, pois quem pratica essas mortes é o Cavaleiro Negro. Ele, o Cavaleiro Negro, pode tudo, porque está a serviço da Santa Igreja.

Fugindo um pouco do ponto de vista religioso/pátrio, mas ainda falando de Eurico, deve-se ressaltar que ele é, ao mesmo tempo, poeta/amante, presbítero e cavaleiro. Com isso temos três idéias diferentes (Amor, Deus e Pátria) em um só personagem.

Ainda dentro da idéia de religião, falta abordar a questão do **celibato clerical**, que acentua uma visão crítica sobre a rigidez com que a Igreja tratava essa questão. Devido a incapacidade de a Igreja ajudar o homem a exaltar os seus sentimentos e desejos terrenos, Ela, a Igreja, condenava-os a uma “espécie de amputação espiritual”.

Leis Sociais: Devido a questões sociais o Duque de Fávila não permite que Eurico e Hermengarda concretizem o seu amor.

“...o orgulhoso Fávila não consentira que o menos nobre gardino pusesse tão alto a mira dos seus desejos...”. Com isso, o homem, no caso, a Eurico e a mulher, Hermengarda, ficam divididos entre a razão e a emoção, ou melhor, entre as vontades de seus corações e as leis da vida em sociedade.

Exaltação do amor profano sobre o divino: A impossibilidade da realização do amor profano se dá graças ao amor divino, ou dever divino. E esse dever somente pode ser percebido quando analisamos Eurico. Esse personagem era movido pela honra cavalheiresca e fidelidade aos ideais e as leis impostas a ele.

O amor ou dever divino era marcado pelo celibato e pela rigidez da disciplina clerical.

Maniqueísmo: O Duelo maniqueísta (bem x mal) é muito comum nas obras românticas. No caso de Eurico, o Presbítero, temos o confronto entre os muçulmanos, que são vistos como os invasores, contra os **cristãos**. Os muçulmanos são, nessa obra, a personificação do mal o qual, se contrata com o bem representado pelo “heróicos” cristãos.

Mulher: A mulher é vista sob a ótica do Romantismo, ou seja, a “mulher anjo”, pura e imaculada. Uma mostra disso é quando as monjas são sacrificadas para não serem violadas pelos infiéis.

VIII - Bibliografia

Herculano, Alexandre. Eurico, O Presbítero. Publifolha, São Paulo, 1997